

Coluna do Castello

Se a reunião foi êxito ou malogro

PARECE ainda cedo para avaliar o êxito ou o malogro da reunião dos governadores e dirigentes nacionais do PMDB com os ministros econômicos e com o presidente da República. Os grandes jornais do Rio e de São Paulo optaram por uma avaliação pessimista, por não coincidirem reivindicações e disposições e pelas incoerências internas do governo traduzidas nas falas ministeriais.

A direção do PMDB, no entanto, está satisfeita. Consideram o sr Ulysses Guimarães e seus companheiros que, antes de tudo, vale acentuar a unidade do partido e a prevalência entre governadores de todas as nuances ideológicas da adesão ao princípio da justiça social, mais ética do que ideológico. Do ponto de vista pemedebista, foi traçada pela unanimidade dos presentes uma linha de comportamento, segundo a qual as relações com o governo ficam pendentes do cumprimento dos parâmetros definidos na reunião.

Esses parâmetros, conforme ampla divulgação, foram negociação da dívida externa sem prejuízo do crescimento interno, do nível de emprego e do padrão salarial, devendo definir-se margem máxima de transferência de moeda forte para o exterior; manutenção do gatilho salarial ou sua substituição por mecanismos que assegurem o padrão salarial do operariado; redução da taxa de juros; contenção da inflação sem recessão e sem prejuízo de desenvolvimento.

Se o governo vai ser capaz de seguir tais parâmetros é outra coisa, mas o PMDB está convencido de que o presidente Sarney foi bastante explícito em assumir como seus os compromissos do partido. De modo que só lhes resta esperar que sejam percorridos os caminhos do partido na transposição para a prática da política comum do PMDB e do governo. As divergências nem sempre abafadas entre ministros, notadamente entre o sr João Sayad e o sr Dilson Funaro, não são problema do PMDB mas do governo.

Em suma a avaliação final da reunião desta semana, que demonstrou a unidade de orientação do PMDB, somente pode ser feita no correr dos próximos meses, quando o governo demonstrar sua sinceridade ou sua possibilidade de agir dentro dos parâmetros oferecidos pelo partido. Há um certo otimismo quanto a que aconteça o melhor. O ministro Almir Pazzianotto, embora demonstrando a inviabilidade de um segundo disparo do gatilho, está levando, na ausência dos radicais, negociações entre trabalhadores e patrões visando a substituir o mecanismo de controle de preços e salários por outros, tendo em vista uma trégua de três meses necessária para a tentativa de equilibrar as finanças públicas e reduzir o impacto inflacionário.

Quanto ao problema da dívida externa, a diretriz do PMDB parece não ter assustado o governo. Ela corresponde de certo modo a pronunciamentos anteriores do presidente José Sarney, e portanto não deve ser tomada como retórica a adesão do governo aos condicionamentos à negociação preconizados na reunião de governadores. O presidente estaria decidido a situar a negociação dentro do patamar de uma taxa relacionada com o PIB, de modo a preservar capital de investimento para planos que estão sendo já anunciados. A reação dos banqueiros não parece preocupar o presidente, esperançoso das negociações com o Clube de Paris, mas de qualquer forma disposto a enfrentar o problema tal como o apresentem os banqueiros internacionais. Segundo a crença do PMDB, o presidente não está com medo.

Do ponto de vista da política partidária, da busca da unidade e da ação comum, não há dúvida de que houve um êxito em Brasília. Do ponto de vista das relações do PMDB com o presidente e com seus ministros, a avaliação correta fica pendente do correr do tempo, venha ou não agradar ao futuro a política adotada pelo chefe do governo, hoje um entusiasta presidente de honra do PMDB.

A liderança para Minas

O deputado Ulysses Guimarães terá dificuldades de atender a reivindicação do governador Newton Cardoso, de entregar a liderança da Câmara dos Deputados a um representante de Minas Gerais. Há negociações em curso, conduzidas pelo sr Pimenta da Veiga, para conciliar quatro candidatos ostensivos ao posto. De qualquer forma a decisão será tomada pela bancada por voto, conforme tradição partidária. O que o sr Ulysses Guimarães pode fazer para atender o situacionismo mineiro é declarar-se solidário com o candidato de Minas.

Os mineiros estão afastados do comando parlamentar e, do ponto de vista do governador eleito, também do ministério. Os ministros da Indústria e do Comércio, do Interior e de Minas e Energia não são representativos da situação dominante no Estado.

Uma conversa antiga

O deputado Israel Pinheiro Filho alude a uma história antiga, segundo a qual, a 23 de dezembro do ano passado, o senador Afonso Camargo telefonou ao governador Hélio Garcia oferecendo a Minas a presidência da Câmara dos Deputados.

Carlos Castello Branco